Análise Psicanalítica do Discurso: Uma Perspectiva para Saúde Mental no CAPS

Autor(res)

Edna Rosa Correia Neves
José Guilherme Benedito De Souza

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA DE CAMPINAS

Introdução

A análise do discurso, inicialmente desenvolvida como campo filosófico, investiga a relação entre linguagem e construção de sentidos na interação social. Michel Pêcheux consolidou a Análise do Discurso na escola francesa, integrando linguística, ideologia e psicanálise (PÊCHEUX, 1988). A intersecção com a psicanálise lacaniana amplia essa abordagem, explorando a linguagem como elemento central na constituição do sujeito e no acesso ao inconsciente (LACAN, 1998). Nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), onde predominam modelos biomédicos e de reinserção social (BRASIL, 2004), a análise psicanalítica do discurso surge como alternativa para escutar a singularidade do paciente, especialmente na clínica das psicoses (QUINET, 2006). Este estudo investiga como essa integração pode enriquecer as práticas clínicas nos CAPS, promovendo intervenções centradas no sujeito e em suas manifestações discursivas.

Objetivo

Investigar a integração da análise psicanalítica do discurso no contexto dos CAPS e suas contribuições para a clínica, especialmente no manejo de psicoses. Especificamente, busca-se discutir desafios de implementação e explorar aplicações práticas dessa abordagem.

Material e Métodos

Realizou-se uma revisão bibliográfica qualitativa e descritiva, abrangendo obras fundamentais da análise do discurso e psicanálise lacaniana, além de artigos científicos, dissertações e livros relacionados à atuação nos CAPS. As bases consultadas incluem Google Acadêmico, SciELO, PePSIC, PsycINFO e APA PsycArticles. O recorte temporal priorizou produções dos últimos 20 anos, com ênfase em estudos brasileiros.

Resultados e Discussão

A análise do discurso, articulada à psicanálise lacaniana, possibilita acessar dinâmicas inconscientes pela escuta do sujeito. Nos CAPS, essa perspectiva enfrenta desafios, como a medicalização excessiva e a dificuldade de reconhecer estruturas psicóticas para além de alucinações e delírios (CUSTÓDIO et al., 2020). Oficinas terapêuticas e arteterapia surgem como espaços de expressão discursiva e criativa, favorecendo estabilização psíquica (REIS, 2014). A arteterapia viabiliza comunicação não verbal de conteúdos inconscientes (LUO, 2023), enquanto oficinas sustentadas pela clínica psicanalítica evitam reducionismos pedagogizantes. A noção lacaniana

do “inconsciente como discurso do outro” (LACAN, 1998) orienta a leitura de significantes patogênicos, fundamental no tratamento das psicoses. Assim, a escuta analítica reconhece delírios e sintomas como tentativas narrativas diante do real, em consonância com a Política Nacional de Humanização do SUS.

Conclusão

A análise psicanalítica do discurso oferece contribuições valiosas para os CAPS, promovendo uma clínica ampliada e humanizada. Ao integrar linguagem, desejo e inconsciente, essa abordagem fortalece intervenções centradas na singularidade do sujeito, alinhando-se aos princípios da Reforma Psiquiátrica Brasileira e enriquecendo a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS).

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Saúde mental no SUS: os Centros de Atenção Psicossocial. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
CUSTÓDIO, L. L. et al. Atuação da psicanálise na atenção às pessoas com transtorno psicótico atendidas no CAPS: revisão integrativa. Brazilian Journal of Development, 2020.
LACAN, J. Seminário 5: A Formação do sujeito. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
LUO, A. Uma revisão da literatura sobre terapia de desenho em aconselhamento de grupo. 2023.
PÊCHEUX, M. Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 1988.
QUINET, A. Psicose e laço social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
REIS, A. C. DOS. Arteterapia: a arte como instrumento no trabalho do Psicólogo. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 34, n. 1, p. 142–157, 2014.